

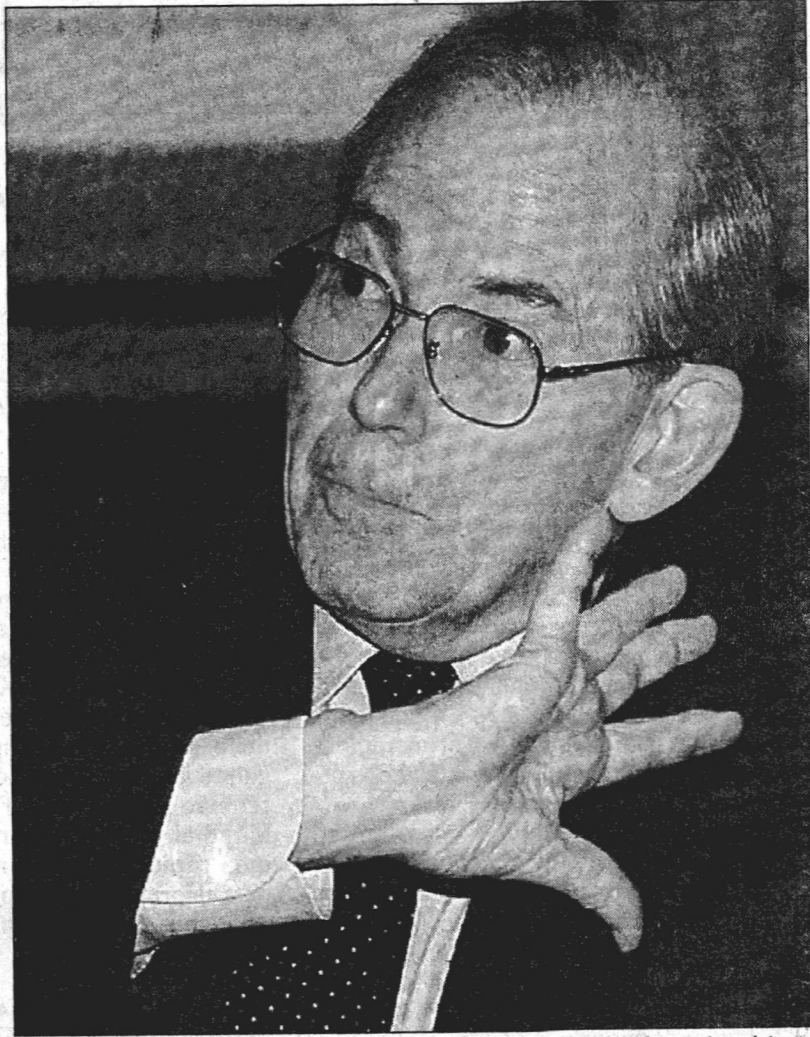
MERCADOS EM CRISE: Governo afirma que está empenhado em fazer ajuste fiscal rigoroso

Arquivo



O MINISTRO DA FAZENDA, Pedro Malan: meta fiscal praticamente definida

Arquivo



O DIRETOR-GERENTE do FMI, Michel Camdessus: acerto com o país estaria próximo

FH garante que Governo não vai aplicar nenhum pacote econômico bombástico

Presidente diz que não há nenhuma medida de desvalorização do real em estudo

● BRASÍLIA, WASHINGTON e NOVA YORK. O presidente Fernando Henrique procurou ontem tranquilizar os brasileiros, garantindo que o Governo não está preparando qualquer pacote econômico bombástico. O presidente disse que, caso seja eleito, sua intenção é fazer um pronunciamento forte logo após as eleições, possivelmente na própria segunda-feira, para mostrar que o cenário mundial mudou muito nos últimos meses e que o Brasil precisa passar por um ajuste o mais rapidamente possível. Ele garantiu que vai brigar para que os pontos da reforma que ainda não foram votados pelo Congresso sejam aprovados, mas ressaltou que nada será feito com sustos e que o Congresso Nacional vai ser chamado a aprovar todas as projetos que lá estão e os que forem mandados pelo Governo.

Fernando Henrique reafirmou que não há qualquer desvalorização do real em estudo e que o Governo pretende continuar no caminho de medidas contínuas.

O presidente rebateu ontem as previsões pessimistas dos economistas Paul Krugman e Rudiger Dornbusch sobre o Brasil.

O porta-voz, Sérgio Amaral, disse que o presidente, ao ler declarações de Krugman de que o país terá uma "terrível recessão" no próximo ano, comentou que a hipótese é baseada em uma série de variáveis sobre o que o país precisa fazer para vencer a crise financeira mundial, e que o país fará o que for necessário.

Amaral: Governo está disposto a fazer ajuste rigoroso

Segundo Sérgio Amaral, o Governo está empenhado em fazer um ajuste fiscal rigoroso, que permitirá, no futuro, reduzir as taxas de juros. Quanto às declarações de Dornbusch também sobre recessão e desvalorização do Real, a resposta de Fernando Henrique foi mais enfática. Ele lembrou que há quatro anos Dornbusch faz previsões pessimistas sobre o Brasil, que nunca foram cumpridas.

— O presidente observa que essa hipótese de recessão é qualificada por uma série de condicionais: se não fizer isso, se não houver assistência financeira, etc. Quanto às avaliações de Dornbusch, o presidente lembra que esse economista faz avaliações pessimistas sobre o Brasil há quatro anos e que, no ano passado, o Brasil cresceu a quase 4%. Isso não quer dizer que nós não tenhamos dificuldades. Temos certamente, mas o que o Governo está fazendo é trabalhar de uma forma determinada para que a crise financeira não traga efeitos negativos para os ganhos que o país alcançou desde o lançamento do Real — disse Amaral.

O presidente recebeu ainda um

fax do ministro da Fazenda, Pedro Malan, com trechos do discurso feito ontem pelo presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, no qual ele defendeu a necessidade de um mecanismo de ajuda aos países. Segundo Sérgio Amaral, o discurso mostrou uma grande identidade entre o que Fernando Henrique vem dizendo e a posição de Clinton.

Mais uma vez, Sérgio Amaral negou que o FMI esteja condicionando a ajuda financeira a certas metas que o Brasil deva atingir. Segundo ele, o Brasil ainda não pediu ajudada ao FMI.

— Portanto, não faz sentido falar em condições ou critérios que o Fundo acharia necessário, na medida em que não está havendo uma negociação com o FMI. Nós é que queremos fazer um ajuste rigoroso, porque isso é necessário ao país e, sobretudo, para que as taxas de juros possam cair o mais rápido possível — disse ele.

O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, disse ontem, em Nova York, que o Governo brasileiro está "em conversações com instituições financeiras multilaterais sobre como prevenir a tempestade que se aproxima", numa referência à fuga de capitais do país, e que, "nessa troca de idéias, discute-se a melhor forma de ajudar o país a resolver o problema do déficit fiscal".

Franco falou para mais de cem empresários e banqueiros convidados a participar do "Seminário sobre as Perspectivas da América

Latina num mundo volátil", promovido pelo "Wall Street Journal".

No discurso, ele procurou colocar a crise brasileira não como uma situação de fato, mas como uma possibilidade iminente. A ajuda que o Brasil pode receber de instituições financeiras multilaterais será, segundo ele, nos moldes usados por outros países, e tem como objetivo "isolar o contágio".

Franco afirma que programa será anunciado após eleições

Sem definir cifras ou condições de pagamento, ele disse que o "governo está enfrentando o problema do déficit, tem consciência da sua urgência e pretende resolvê-lo de forma rápida e definitiva, com um ambicioso programa fiscal". Ressaltou, contudo, que as medidas de consolidação do ajuste, assim como a negociação da ajuda externa, a ser usada em caso de necessidade, não podem ser resolvidos de uma hora para outra. Depois das eleições, disse, o presidente Fernando Henrique vai anunciar seu programa de ajuste.

O presidente do Banco Central enfatizou que o governo já implantou os fundamentos de sua política econômica, promovendo abertura da economia ao capital externo e reduzindo a participação do Estado na economia. "Em quatro anos chegamos à metade do caminho, mudando estruturas econômicas acostumadas a cem

anos de protecionismo e à cultura da inflação. Ha quem diga que temos um copo meio vazio; mas podemos dizer que enchemos o copo até a metade", afirmou, numa referência às críticas de que o governo não fez tudo que havia prometido.

Franco não deu detalhes sobre o conteúdo das medidas fiscais, mas sinalizou o que não fará parte delas. Ele afastou a possibilidade de desvalorização da moeda ao afirmar que a política de câmbio será mantida, "custe o que custar" e negou qualquer intenção de controlar a saída de capitais externos.

Diretor da Goldman Sachs prevê linha de crédito do BID

Para conquistar a confiança da audiência, Franco disse que o Governo está equilibrando o déficit em conta-corrente. Segundo afirmou, nos investimentos externos diretos em 98 correspondem a dois terços dessa conta, e a meta é chegar a cem por cento de equilíbrio no próximo ano.

Além disso, citou como fatores positivos a vitalidade da economia e a continuidade dos negócios.

O economista Paulo Leme, diretor de mercados emergentes do Banco Goldman Sachs, previu como uma das possibilidades de ajuda externa a abertura de uma linha de crédito no Banco Interamericano de Desenvolvimento, destinada a financiar setores interessados em investir no Brasil. ■